

OS CONCEITOS DE CULTURA, IDENTIDADE E DIFERENÇA NOS ESTUDOS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Simone Teixeira de Souza - UCDB

Ruth Pavan - UCDB

José Licínio Backes – UCDB

Agência de Financiamento: PIBIC/CNPq/UCDB

Edital Universal/2008 do CNPq

RESUMO: O presente trabalho está vinculado à pesquisa “Os conceitos de cultura, identidade e diferença em trabalhos apresentados na ANPED (2005-2009) e suas implicações para o campo epistemológico da educação”, financiada pelo CNPQ. O objetivo é analisar a forma como os conceitos de cultura, identidade e diferença são utilizados no GT de Gênero, sexualidade e educação, isto é, se são usados numa perspectiva essencialista ou não essencialista. No decorrer da pesquisa constatou-se que os autores não utilizam de forma essencialista o conceito de cultura, identidade e diferença. Pelo contrário, a forma essencialista é exaustivamente criticada, por tratar-se de uma forma simplista de entender a cultura, a identidade e a diferença. A principal forma de identificar que os conceitos não são utilizados de forma essencialista é por meio da ênfase que os autores dão aos contextos sociais e culturais nos quais as identidades e diferenças são produzidas (portanto as identidades e diferenças não são naturais, nem biologicamente determinadas), entre os quais podemos citar a mídia, a escola, a família, as brincadeiras infantis, entre outros. Observou-se ainda que segundo a crítica dos autores, a perspectiva essencialista geralmente é usada para justificar o “desvio” dos homossexuais e a “inferioridade” das mulheres, portanto, o uso essencialista desses conceitos contribui para reforçar os processos de discriminação.

Palavras - chave: Cultura, Identidade, Diferença.

1. Considerações Iniciais

O texto tem como objetivo analisar se os conceitos de cultura, identidade e diferença são utilizados de forma essencialista ou na perspectiva não essencialista nos trabalhos apresentados durante o período de 2004 a 2008 no GT “Gênero, sexualidade e educação”.

Foram analisados todos os trabalhos apresentados no GT 23, “Gênero, sexualidade e educação” da ANPED, nos últimos cinco anos. (2004, 2005, 2006, 2007, 2008), perfazendo um total de 48 trabalhos.

Para dar conta do objetivo, esse texto foi organizado da seguinte forma: num primeiro momento apresentamos algumas reflexões teóricas, situando o lugar da análise. Em seguida passamos para a análise propriamente dita e por fim, apresentamos as considerações finais.

Esclarecemos que a identificação da forma como os conceitos são utilizados deu-se de duas maneiras: a) quando os autores dos textos explicitam os conceitos; b) quando os autores descrevem os contextos culturais e sociais nos quais as identidades e diferenças são produzidas, o que significa que possuem uma concepção não essencializada de cultura, identidade e diferença.

Embora os autores dos trabalhos analisados descrevam muitos contextos, neste artigo privilegiamos os contextos mais recorrentes, ou seja, o contexto escolar, o contexto da mídia e o contexto dos jogos/brincadeiras.

2. Reflexões teóricas

Segundo os Estudos Culturais, campo teórico que fundamenta esta pesquisa, se os conceitos de cultura, identidade e diferença são utilizados de forma essencializada, ao invés de contribuírem para construirmos uma sociedade não discriminatória, as reflexões acabam reforçando essas práticas, se o “outro” for visto como possuindo uma essência fixa: “O outro é outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (SILVA, 2000, p. 97).

Cabe pois, ao pesquisador, contribuir para mostrar que este outro é uma construção cultural, um efeito das relações sociais que pode ser re-significado: “A

identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p.14).

O outro não precisa ser visto como sendo a fonte do mal, como inferior, como incapaz, como alguém que corrompe os “bons” valores. Contribuir para desconstruir esse processo de naturalização, de essencialização, de biologização da identidade, da diferença, da cultura, no caso de gênero e sexualidade é tarefa fundamental para a educação, ou seja, é preciso “estimular, em termos de identidade, o impensado e o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado”. (SILVA, 2000, p. 100). E isso só é possível questionando os conceitos essencializados de identidade, diferença e cultura, priorizando conceitos históricos e culturais.

Ainda, segundo os Estudos Culturais, os conceitos de cultura, identidade e diferença podem ser classificados em duas vertentes: a **essencialista** e a **não essencialista**. Segundo Woodward (2000), o “essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na história quanto na biologia” (p. 15). O essencialismo baseado na história geralmente reivindica um passo comum e é mais utilizado pelos grupos étnicos. Já nas discussões de gênero e sexualidade, o essencialismo pauta-se geralmente, na biologia. Segundo as concepções essencialistas há características que são naturais, que nascem com os sujeitos, características que tendem a permanecer no sujeito, independentem das relações sociais envolvidas.

Baseados na forma não essencialista de lidar com os conceitos de cultura, identidade e diferença, é que faremos a análise dos trabalhos apresentados no período de 2004 a 2008 no GT de Gênero, sexualidade e educação.

3. Análise dos conceitos de cultura, identidade e diferença

Todos os trabalhos utilizam conceitos de cultura, identidade e diferença não essencializados. A forma de explicitar que esses conceitos não são utilizados de forma essencialista se dá de duas maneiras: a) explicitando o conceito, enfatizando suas características contextuais, relacionais e históricas e fazendo a crítica ao caráter essencialista, biológico e natural desses conceitos; b) descrevendo os contextos sociais e culturais em que as identidades e diferenças são construídas.

Entre os contextos descritos, podemos citar a mídia, a escola, a prática esportiva, os jogos eletrônicos, os brinquedos e o contexto da prática pedagógica, sobretudo, o papel do educador, entre outros.

Em relação à escola como espaço de produção das identidades e diferenças temos os seguintes trabalhos: (NETO, 2004; BRITO, 2004; ALTMANN, 2004; AUAD, 2004; VASCONCELOS E ANDRADE, 2004; PINCINATO, 2004; TELLES, 2005; ADOLPH e PRATA, 2005; QUINTANA, 2005; DAL IGNA, 2005; LIMA e RAMOS, 2005; FERRARI, 2006; LIBORIO e CAMARGO, 2006; SIMÕES, 2006; CASAGRANDE e CARVALHO; CHAGAS, 2006; ALVARENGA, 2007; RAPOSO, 2007; DAL'IGNA, 2007; SILVA, 2007; BALESTRIN, 2007; SILVA e SIQUEIRA, 2008; COSTA e MELO, 2008).

Já com relação à mídia, contexto descrito que mostra que os conceitos não são utilizados de forma essencialista, identificamos os seguintes trabalhos: (SANTOS, 2004; DAZZI, 2004; CATARINO, 2004; SABAT, 2004; RIBEIRO e SIQUEIRA, 2005; SOARES, 2006; FERNANDES e SIQUEIRA; XAVIER, 2006; SANTOS, 2006; XAVIER FILHA, 2007; SCHWENGBER, 2007; SCHWENGBER, 2008).

Em relação ao contexto das práticas pedagógicas, sobretudo o papel dos educadores, identificamos os seguintes trabalhos: (CARDOSO, 2007; BARLETTO, 2007; SILVA, 2007; ZIBETTI, 2007; CESAR, 2008; CASTRO, 2008; TORLASTTO, 2008; SOUZA, 2008).

Identificamos ainda os seguintes contextos: práticas esportivas e lazer (FREITAS, 2004; DAMICO, 2007); sindicatos (FERREIRA, 2004); medicina (CRUZ, 2006); sociedade/contexto Social (CAMPOS, 2006; SLAVA, 2008; BRAGA e RIBEIRO, 2008); jogos eletrônicos (MENDES, 2005); internet (CAMPOS, 2005); assentamentos rurais (VIEIRA, 2006); brinquedos (BARRETO e SILVESTRINI, 2005; ROVERI, 2007); jogos infantis (FERRARI, 2007); família (FERNANDES, 2008).

Como destacamos no início, o fato de os autores demonstrarem a preocupação em descreverem os contextos culturais e sociais em que as identidades e diferenças são produzidas demonstra que utilizam esses conceitos de forma não essencialista.

Além de descreverem os contextos de produção, outra forma identificada nos trabalhos de ver como utilizam esses conceitos é pela explicitação do conceito de cultura, identidade e diferença. Toda vez que os autores explicitam o conceito, esse possui um caráter não essencialista. Nas poucas vezes que os conceitos aparecem de

forma essencialista, é sempre para fazer a crítica e nunca para ser utilizado como forma adequada.

Nesse texto, optamos por destacar um trabalho por ano (2004, 2005, 2006, 2007, 2008) em relação a cada um desses conceitos.

Em relação ao conceito de cultura destacamos os seguintes fragmentos: “[...] a cultura organiza e regula as práticas sociais através da luta entre os diferentes grupos sociais pela legitimação de certos significados em detrimento de outros, de forma que poderíamos dizer que a luta pela significação em uma dada cultura está relacionada com a luta pela legitimação dos significados nela implicados”. (SANTOS, 2004, p.2); “[...] o que importa é percebemos que culturas de gênero são construídas dentro de um processo social e cultural que é profundamente dinâmico e, portanto, são identidades também em movimento, também em construção” (BARRETO e SILVESTRI, 2005, p.15); “[...] uma noção de cultura que, rejeitando ideologias hegemônicas, a interpreta como ‘um terreno contestado, um local de luta e transformação’” (FERNANDES e SIQUEIRA, 2006, p. 2); “[...] identidade e diferença são produzidas e posicionadas discursivamente em relações sociais e culturais que estão longe de ser simétricas; nessa medida, sua definição depende das relações de poder que estão em ação nos sistemas de significação. (DAMICO, 2007, p.14); “A cultura é, então, um campo onde significados são compartilhados, ao mesmo tempo em que se travam lutas em torno dessa significação” (FERNANDES, 2008, p.2).

Como se pode observar nos fragmentos citados anteriormente, os autores assumem um conceito de cultura que remete a legitimação de significados, a dinamicidade, a campo de contestação, a disputas de poder e campo de luta, o que denota um conceito não essencialista.

Em relação o conceito de identidade/diferença destacamos os seguintes fragmentos: Em relação ao conceito de identidade/diferença destacamos: “[...] as identidades estão constantemente sendo produzidas pela linguagem, assumindo um caráter instável e contingente” (SANTOS, 2004, p.2); “A partir das representações, construímos verdades sobre as coisas, em um processo que atua através de exclusões, produzindo diferenças através de demarcações discursivas (FERNANDES e SIQUEIRA, 2006, p.1); “Trata-se de uma categoria relacional construída com o/a outro/a e, portanto, a identidade de gênero é uma construção que tem lugar na família, escola, mídia etc. espaços em que aprendemos a ser homens e mulheres e a forma como deveremos ser e estar no mundo” (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2005, p. 1); “A educação

pode contribuir para a perpetuação destes estereótipos se não compreendermos que as diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas e não naturalmente determinadas” (ZIBETTI, 2007, p.9); “[...] o conceito de identidade é entendido como a articulação entre as diferentes posições de sujeito que o indivíduo ocupa nos diferentes discursos que o interpelam ao mesmo tempo” (FERNANDES, 2008, p.4).

Como vimos os autores falam em produção das identidades, construção, relação, construção social, interpelação, são todos significados que explicitam um caráter não essencialista de identidade e diferença. Cabe destacar que optamos por não separar os conceitos de identidade e diferença, neste item de nossa análise, por entendermos junto com os estudos culturais, que esses estão sempre em relação, ou seja, para falar de identidade é preciso falar de diferença e vice-versa.

Como já escrevemos, outra forma de observar que os autores utilizam os conceitos de forma não essencialista é pela descrição dos contextos que eles fazem ao longo dos seus textos. Nesse sentido, passamos a apresentar os contextos mais recorrentes nos trabalhos analisados.

3. 1 A produção das identidades/diferenças nas escolas

As atitudes, representações e diferenças mantidas e reproduzidas em sala de aula também merecem atenção. Representações como “os meninos são mais inteligentes” e que “meninas são mais esforçadas” são constantemente reforçados pelos professores preocupados em “ensinar” o comportamento “correto” e “adequado”: “Meninos e meninas continuam sendo educados dentro de rígidos padrões comportamentais psicológicos e sociais: menino não chora, só brinca de bola e super-herói; menina não pode subir em árvores, só brinca de boneca e panelinha”. (CARVALHO E COSTA, 2008, p. 13). Podemos, nesse sentido, destacar o trabalho de Neto (2004) que enfatiza que: “A homossexualidade permanece oculta na escola, vindo à tona somente nos casos de violência ameaçada ou perpetrada, quando um estudante se revela ou é considerado gay ou lésbica pelos demais” (NETO, 2004, p. 2).

Outra forma por meio da qual a escola reproduz as identidades/diferenças de gênero é pelas brincadeiras. Como alega Ferrari (2007), na brincadeira “Loba”, que consiste em fazer de uma latinha uma bola e chutar sem rumo, cada participante tem que fugir dela (latinha) e aquele que for atingido por ela, é agredido por todos os

participantes da brincadeira. Essa atitude ganhou *status*, porque na escola analisada pelo autor, o vencedor fica conhecido tanto pela escola como pelas meninas: “[...] participar ou não da “brincadeira” acaba por definir aqueles que são considerados como “verdadeiros” homens, daí a **loba** ser considerada um jogo para quem for homem”. (FERRARI, 2007, p. 14).

Brincadeiras como essa, consistem em um instrumento de reafirmação da heterossexualidade, e um meio de discriminação e exclusão, que discrimina não somente quem é homossexual como também “coloca no mesmo grupo” todos aqueles que são tímidos ou que não gostam desse tipo de socialização, como se todo “homem” tivesse que “naturalmente” gostar desse tipo de brincadeira.

Oliveira e Morgado (2006) citam a reação dos professores para com um homossexual e salientam: “no espaço escolar existem entraves de relações quanto a homossexualidade, os professores enfrentam dificuldades no manejo escolar quando estudantes abertamente homossexuais são discriminados por colegas” (p. 9).

Interessa-nos, sobretudo para fins desse texto, salientar que os autores ao descreverem os contextos de produção das identidades/diferenças estão seguindo uma concepção não essencialista de identidade/diferença.

3.2 A produção das identidades/diferenças em contextos midiáticos

Ribeiro e Siqueira (2005) analisaram que a construção da identidade masculina é feita de forma não essencialista, logo os símbolos feitos pela mídia, influenciam na construção dos corpos femininos e masculinos: “As telenovelas, gênero que absorve boa parte da audiência televisiva, têm sido tradicionalmente associadas ao público feminino por tratar basicamente de família, emoção e conflitos amorosos, uma vinculação baseada em noções essencialistas que relacionam homem à razão e a mulher a emoção” (RIBEIRO E SIQUEIRA 2005, p.5).

A mídia também contribui para reforçar a condição da mulher como ser inferior ao homem. A mulher sempre é vista ou idealizada como alguém que deve ser passiva, submissa, com “instinto materno”, com o “dom para ser mãe”.

São inúmeras as formas que interferem na construção da identidade feminina, como pelos desenhos, Revistas por exemplo, direcionadas para futuras mães (como a Revista *Pais e Filhos*). Schwengber (2007), afirma diante de uma análise da Revista

Pais e Filhos direcionada para futuras mães, que nas matérias publicadas na mesma, ocorre uma tentativa de “produzir mães”, ditando padrões e regras que mulheres que estão grávidas deveriam seguir: “A quantidade de material informativo disponível sobre as formas de cuidar dos corpos grávidos por meio das práticas corporais e esportivas sugere, cada vez mais, que a biologia não equipa as mulheres para a função social de cuidar de si e dos/as filhos/as” (SCHWENGBER, 2007, p. 16).

Santos (2004) também desenvolve sua pesquisa com base em revistas, mais especificamente sobre revistas de educação para crianças e aponta:

Através da leitura das revistas foi possível perceber o quanto essa mídia (assim como as demais) desempenha uma função pedagógica, a partir do momento em que ensina mães e pais como agir com suas/seus filhas/filhos, como as crianças devem vestir-se, quais os brinquedos adequados a cada faixa etária, dentre outros ensinamentos, produzindo, assim, subjetividade, identidades e saberes. (SANTOS, 2004, p. 1).

Xavier Filha (2007) também descreve que as identidades de gênero são produzidas e destaca o papel da imprensa. Segundo a autora, no contexto atual, pela imprensa, se produz a “[...] mulher erotizada, que exige seus direitos sexuais, preocupada com a performance no sexo; enfim, não mais adormecida, mas exigente de prazer sexual dentro ou fora do casamento” (XAVIER FILHA, 2007, p. 9).

Assim como a descrição do contexto escolar, a descrição do contexto midiático também demonstra que os autores recorrem a conceitos não essencializados de cultura, identidade e diferença.

3.3 A produção das identidades/diferenças pelos brinquedos

Outra forma que demonstra que os autores não recorrem a conceitos essencializados é fato de apontarem que os brinquedos interferem na construção das identidades/diferenças. Os brinquedos constroem a moda, moldam o comportamento que é incorporado pelas meninas como verdade e modelo a ser seguido, ou seja, os brinquedos fabricam identidades/diferenças: “Barbie traz consigo a definição de uma beleza feminina considerada insuperável, é um brinquedo que simula ser uma *mulher* de respeito, de atitude, estilo e elegância. Mas estes são apenas mais alguns dos muitos

disfarces que a Mattel reproduz para manter em órbita uma boneca com uma “carreira” passível de contestação” (ROVELI, 2007, p. 10).

Berreto e Silvestri (2005) no seu trabalho sobre como os brinquedos interferem na construção das identidades/diferenças, ao pesquisarem sobre a preferência dos brinquedos para as meninas chegam a conclusão que: “A preferência pelas bonecas indica a introjeção de valores que conduzem ao lugar de mulher, mãe, avó e dona de casa” (BARRETO E SILVESTRI, 2005, p. 4).

Mendes (2005) também salienta a importância dos jogos/brincadeiras na formação das identidades/diferenças. Geralmente, segundo o autor, pautam-se em imagens naturalizadas sobre o que significa ser masculino: “No universo dos games, como em vários outros, marcas para identificar o que seja “masculinidades” e “homem” são pouco ou nada problematizadas” (MENDES, 2005, p. 15).

Em relação a descrição do contexto dos jogos/brinquedos/brincadeiras, vale a mesma observação: revela que os autores utilizam conceitos de cultura, identidade e diferença de forma não essencialista.

Considerações finais

A análise efetuada demonstrou que todos os autores dos textos do período analisado, utilizam os conceitos de cultura, identidade e diferença de forma não essencialista, ou seja, argumentam que as identidades e diferenças são construção culturais, fruto dos contextos nos quais os sujeitos desenvolvem suas experiências.

Além de não utilizarem de forma essencialista os conceito de cultura, identidade e diferença, a forma essencialista quando mencionada é exaustivamente criticada, por tratar-se de uma forma simplista de entender a cultura, a identidade e a diferença.

A principal forma de identificar que os conceitos não foram utilizados de forma essencialista foi por meio da ênfase que os autores dão aos contextos sociais e culturais nos quais as identidades e diferenças são produzidas (portanto as identidades e diferenças não são naturais, nem biologicamente determinadas), entre os quais foram destacados o contexto da escola, da mídia, dos jogos/brincadeiras infantis.

Observou-se ainda que segundo a crítica dos autores, a perspectiva essencialista geralmente é usada para justificar o “desvio” dos homossexuais e a “inferioridade” das

mulheres, portanto, o uso essencialista desses conceitos contribui para reforçar os processos de discriminação.

Esperamos que esse trabalho tenha contribuído para reiterar o uso não essencializado dos conceitos de cultura, identidade e diferença, pois dessa forma estaremos contribuindo para dar um passo importante contras todas as formas de discriminação.

Referências:

ADOLPH, Claudio; PRATA, Maria Regina. **A escola na produção da identidade sexual adolescente**. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

ALTMANN, Helena. **A Sexualidade Adolescente como foco de Investimento Político-Educacional**. 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage. **Saúde é coisa de mulher em qualquer idade: educação, gênero e envelhecimento**. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

AUAD, Daniela. **Relações de Gênero nas Práticas Escolares e a Construção de um Projeto de Co-Educação**. 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

BALESTRIN, Patrícia Abel. **A sexualidade num curso normal – seus tempos e “contra-tempos”**. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

BARLETTO, Marisa. **Formação de pedagogas – memórias e trajetórias**. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

BARRETO, Flavia de Oliveira; SILVESTRINI, Mônica Ledo. **Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero**. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

BRAGA, Eliane Rose Maio; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Palavras, “palavrões”:** um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e praticas sexuais, na cultura brasileira. 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

CAMPOS, Miriam Piber. **Alguns tensionamentos acerca dos corpos e sexualidades das pessoas deficientes**. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

CAMPOS, Miriam Piber. **Identidades "anormais": a (DES)construção dos corpos "deficientes"**. 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

CARDOSO, Frederico Assis. **Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças**. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; COSTA, Eliana Célia Ismael da; MELO, Rosemary Alves de. **Roteiros de Gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil.** 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; COSTA, Eliana Célia Ismael da; MELO, Rosemary Alves de. **Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil.** 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de. **Educando as novas gerações: representações de gênero no livros didáticos de matemática.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

CASTRO, Roney Polato de. **Professores(as), sexualidade e educação sexual: produzindo sujeitos nos contextos do programa de educação afetivo-sexual (PEAS).** 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

CATHARINO, Tânia Ribeiro. **Sexualidade, gênero e saúde reprodutiva – elementos para uma nova proposta em orientação sexual.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

CÊSAR, Maria Rita de Assis. **Quatro intervenções para uma pedagogia QUEER.** 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

CHAGAS, Claudia Regina Ribeiro Pinheiro das. **O bordado no currículo espaço-tempo/fazer educativo.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

CLAUDIA, Amaral dos. **A invenção da infância generificada: A pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

DAL IGNA, Maria Claudia. **Desempenho escolar e gênero: um estudo com professoras de series iniciais.** 23ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

DAL IGNA, Maria Claudia. **Gênero sexualidade e Desempenho escolar: modos de significar o comportamento de meninos e meninas.** 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

DAZZI, Mirian Dolores Baldo. **O saber autorizado – voz e voto para ensinar sobre o corpo.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

FERNANDES, Letícia Prezzi. **“Quem é da tua família?”: Gênero, relações familiares e situação de rua.** 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

FERRARI, Anderson. **“ O que é loba??? É um jogo sinistro, só para quem for homem...”** – Gênero e sexualidade no contexto escolar. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

FERRARI, Anderson. **A "bicha banheirão" e o "homossexual militante" grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Representações sobre Relações de Gênero entre Sindicalistas do CPERS/Sindicato.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **A revista *Capricho* e a produção de corpos adolescentes femininos.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

FREITAS, Lígia Luís de. **Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

LIBORIO, Renata Maria Coimbra; CAMARGO, Luciene dos Santos. **A Violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas pública municipais de presidente prudente.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

LIMA, Rita de Cássia Pereira; RAMOS, Flávia Chaves. **Abordagem da AIDS na escola: possibilidades e dificuldades com base nas representações sociais de professores da 6ª série do ensino fundamental.** 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

MENDES, Cláudio Lúcio. **Quem pode resistir a Lara Croft? você?** 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

MEYER, Dagmar Estermann e SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

NETO, Alfredo Veiga. **Cultura, culturas e educação.** Programa de Pós Graduação em Educação: Revista Brasileira de Educação. Rio Grande do Sul, n. 23, p.5-15, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

NETO, Luiz Ramires. **Um silêncio desconcertante: a homossexualidade permanece invisível na escola.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

OLIVEIRA, Meire Rose Aparecida; MORGADO, Maria Aparecida. **Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

PRATA, Maria Regina; ADOLPH, Claudio. **A escola na produção da identidade sexual do adolescente.** 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

QUITANA, Eduardo. **Reflexões sobre a gravidez na adolescência: caminhos, diálogos e trajetórias numa pesquisa em educação.** 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

RIBEIRO, Claudia Regina Santos; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de, **Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de**

personagens de novelas por adolescentes das camadas populares. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...** a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos xvi e xvii. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

ROVERI, Fernanda Theodoro. **A boneca Barbie e a educação das meninas – um mundo de disfarces.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

SABAT, Ruth. **Educar para a sexualidade normal.** 27ª Reunião da ANPED, Caxambu, 2004.

SALVA, Sueli. **Narrativa de vivências juvenis:** as jovens mulheres no centro da cena. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia.** 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione, **Ensina-se a mais antiga das artes às mulheres:** a de ter filhos e tornar-se mãe carinhosa. 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **A produção da mãe leve, flexível, forte nas páginas da pais e filhos.** 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

SILVA, Andréia Costa da; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. **Sexualidade na escola mediada pela literatura apropriações docentes.** 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

SILVA, Dayse de Paula Marques da. **Gênero e sexualidade nos PCNs:** uma proposta desconhecida. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

SILVA, Mirian Pacheco. **Quando o estranho é o professor:** narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

SIMÕES, Renata Duarte. **Gênero, educação e educação física:** um olhar sobre a produção teórica brasileira. 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

SIQUEIRA, V.H. F; FERNANDES, W. R. **Cinema e relações de gênero:** ouvindo mulheres idosas. 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

SOARES, Rosângela. **Fica comigo:** juventude e pedagogias amorosas/sexuais na MTV. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

SOUZA, Bernardina Santos Araujo de. **Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX:** o que desvelam as narrativas? 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; RAPOSO, Ana Elvira Steinbach Silva. **Banheiros escolares – promotores de diferenças de gênero.** 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

TELLES, Edna de Oliveira. **O verso e o reverso das relações escolares:** um olhar de gênero sobre o uso dos tempos em uma escola municipal da cidade de São Paulo. 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

TORTATO, Cintia de Souza Batista. **Profissionais da educação infantil e ensino fundamental diante das questões de gênero e diversidade sexual:** as possibilidades da literatura infantil. 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.

VASCONCELOS, Fabio; ANDRADE, Maria Celeste de Moura. **A mulher professora:** Gênero e constituição da identidade docente. 27ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2004.

VIEIRA, Rosangela Steffen. **juventude e sexualidade em movimento.** 28ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

XAVIER, Constantina Filha. **“Qual destas moças é você?” o autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina – décadas de 50 a 70 do século XX.** 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.

XAVIER, Constantina Filha. **A sexualidade feminina entre práticas divisórias:** da mulher “bela adormecida” sexualmente á multiorgástica – imprensa feminina e discursos de professoras. 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente? .** 30ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2007.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (p. 07-72).